

Países pobres debatem a educação

■ Encontro em Brasília reúne os oito países que têm 70% dos analfabetos do planeta

ELIANE BARDANACHVILI

BRASÍLIA — O Brasil não está sozinho no último lugar da fila dos países que demoraram a constatar a importância da educação como motor do desenvolvimento e que, agora, correm atrás do prejuízo. Ministros e secretários dos oito países mais populosos do Terceiro Mundo estão presentes na Conferência Nacional de Educação para Todos, que começou ontem na Academia de Tênis, para ver de perto como seu *companheiro* brasileiro de infortúnios pedagógicos está tentando enfrentar suas mazelas. Juntos, Brasil, Índia, Bangladesh, México, China, Nigéria, Egito, Paquistão e Indonésia são responsáveis pela triste marca de 70% dos analfabetos do planeta.

A conferência que, no primeiro

dia, reuniu mais de 1.2 mil pessoas, vai discutir como será levado à frente o Plano Decenal de Educação, criado pelo Ministério da Educação no ano passado metas a serem cumpridas até 2003.

Salários mais altos para os professores, autonomia pedagógica e financeira para as escolas e, ao menos, a redução do índice alto de repetência no 1º grau estão entre as principais demandas municipais.

A descentralização proposta no Plano Decenal do MEC — criticado por especialistas que o consideram mais uma “carta de intenções” do que uma política de educação e apontam falhas em algumas metas —, agradou aos estrangeiros.

“Procurar as propostas nacionais, estaduais e municipais é uma

medida muito boa”, avalia o vice-presidente da comissão nacional de educação da China, Wang Ming.

A China, por exemplo, trava árdua batalha para fazer com que as crianças da zona rural — 85% do total — consigam completar os nove anos de ensino básico. “Educação, ciência e tecnologia são o primeiro passo para o progresso”, compreende Wang Ming. “Por isso, o governo promove a educação nas zonas rurais e em todos os pontos distantes do país. Nossa objetivo é canalizar recursos econômicos para a educação”.

A Índia anuncia que vai dobrar a porcentagem de seu Produto Interno Bruto (PIB) investida no ensino. Segundo a ministra do país, Selja, os recursos disponíveis, hoje,

já são suficientes para melhorar a qualidade da educação.

O país também optou pela descentralização e tenta orquestrar as soluções locais que os distritos sugerem para seus problemas. Além de buscar a universalização da educação básica, a Índia promove uma campanha de alfabetização da população de 15 a 35 anos — em torno de 250 milhões de pessoas. “É a faixa produtiva. Os mais velhos não estão no centro de nossas atenções”, explica a ministra. “O país tem que ter adultos alfabetizados para que passem a demandar educação e dêem às crianças a base de que elas precisam nas horas em que estão fora da escola”, diz Selja. “O mundo está progredindo economicamente e não queremos ficar atrás”.